



## DOSTOIÉVSKI EM NIETZSCHE DOSTOEVSKY IN NIETZSCHE

Wesley De Jesus Barbosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** As semelhanças de Dostoiévski em Nietzsche demonstram o encontro com a obra do russo. Sobre O Idiota não se consegue afirmar definitivamente sobre sua leitura na confecção do tipo Jesus n' O Anticristo., contudo caminhos diversos levaram a criação do príncipe Míchkin e o tipo Jesus. Porém, Memórias do Subsolo e Memórias da Casa dos Mortos são leituras tidas como certas. O que nos interessa neste artigo é traçar as linhas que entrelaçam o pensamento de Dostoiévski e o de Nietzsche no que concerne a uma crítica da cultura ocidental, sendo Jesus, o idiota: o Redentor, não por sua magnanimidade e autossacrifício pela humanidade como alega o traiçoeiro do Alegre Mensageiro, Paulo de Tarso, mas por seu ensimesmar-se numa atitude apolítica e infantil.

**Palavras-chave:** Dostoiévski, infância, apolítico, tipologia, Jesus.

**ABSTRACT:** Dostoevsky's similarities to Nietzsche demonstrate the encounter with the Russian's work. About O Idiota it is not possible to say definitively about its reading in the making of the type Jesus in the Antichrist., however different paths led to the creation of Prince Myshkin and the type Jesus. However, Memories from Underground and Memories from the House of the Dead are taken-for-granted readings. What interests us in this article is to trace the lines that intertwine Dostoevsky's and Nietzsche's thoughts with regard to a critique of Western culture, with Jesus being the idiot: the Redeemer, not for his magnanimity and self-sacrifice for humanity as claimed by the treacherous of the Joyful Messenger, Paul of Tarsus, but for his self-absorption in an apolitical and childish attitude.

**Keywords:** Dostoevsky, childhood, apolitical, typology, Jesus.

### O APOLÍTICO

O homem cuja realidade subsume-se em si mesmo não será um grande habilidoso para lidar com questões políticas e econômicas. Duas das invenções humanas mais significativas, a primeira como o intrincado jogo de relações, acordos e disputas que

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia e doutorando em Psicologia. (PPGFIL-UFES)/ (PPGP-UFF). E-mail: [wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com](mailto:wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com)



vislumbram a organização de um Estado capaz de gerir todos os grandes aspectos da vida em um determinado espaço geográfico evitando o permanente conflito militar e a dissolução da sociedade; o outro como a capacidade de elaborar técnicas de controle, domínio e manipulação da natureza gerando produtos e riquezas indispensáveis à sobrevivência humana, assim como o enriquecimento pela troca e comércio. Em ambos, a atenção e a esperteza necessitam estar alerta o tempo todo, porque a manipulação, a mentira, *o toma lá dá cá*, a falsidade, *o duas caras*, são condições aprendidas necessárias a ascensão nestes espaços de poder. O príncipe Míchkin de Dostoiévski não sabe de nada disso. “O caráter de ‘homem-privado’, apolítico, próprio do tipo ‘idiota’ é perfeitamente exemplificado pela completa falta de tato, de compreensão do valoroso príncipe a respeito do mundo dos ‘grandes’”(BITTENCOURT, 2011, p.105). Não vê no dinheiro tão grande valor como almejam os agraciados pela benesse das compras, do luxo, da ostentação. Durante um tempo de sua vida fora, literalmente, fora sustentado pelo senhor Schneider. Na Rússia recebeu uma herança que se a ele serviu para levar sua vidinha, aos outros se tornou motivo de comentários e olhares gordos e interesseiros. Alguém que sabe da sede do homem por poder político-militar e dinheiro tomaria precauções acerca de possíveis ataques e estratégias manipuladoras de oportunistas as quais requeressem parte de seus recursos. O príncipe Míchkin não arquitetou nenhum estratagema de defesa, até caiu nos golpes e, inclusive, sabia que o estavam enganando.

- Vai ver que ele mesmo viria aqui e confessaria entre lágrimas com a cabeça em seu peito! Ai, como és simplório, como és simplório! Estão sempre te enganando como... como... e tu não te envergonhas de confiar nele? Será que não percebes que ele te ludibriou inteiramente? / - Eu sei bem que às vezes ele me engana – pronunciou sem querer o príncipe a meia-voz -, e ele sabe que eu sei disso... – acrescentou sem concluir. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 381).



Não calculava se o dinheiro que dava, lhe faria falta ou, se acabasse, como iria conseguir outros recursos, em que poderia trabalhar ou que amigos procuraria no sentido de alguma garantia econômica concedida pelo Estado por sua condição de nobre. Apesar de sua filiação e riqueza vincularem-se a comerciantes, a alcunha de príncipe na monarquia russa lhe outorgava vantagens por sua superioridade social. A displicência no manejo com os negócios, a pouca ou nenhuma importância a isso, conduz o leitor a certa angústia e desespero. Parece que Dostoiévski consegue fazer o leitor torcer para que o príncipe não fique pobre, mas ele só faz *trapalhadas* e ninguém ajuda, ou como só ele é responsável por seus próprios recursos, a ele cabe cuidar destes valores. Nosso olhar cristão, moralizado, manicomial, não consegue se desvencilhar de uma interpretação tuteladora com relação ao príncipe, como se ele, um idiota, não fosse capaz de cuidar de seu dinheiro. É impressionante como a leitura de Dostoiévski não é passiva, meramente intelectual, ele consegue recrutar afetos estonteantes no leitor. Míchkin não se preocupa se o dinheiro irá acabar, não é um homem da bolsa de valores, a vida que acontece agora não exige um planejamento tão a longo prazo. Se o dinheiro acabar, acabou! Paciência!

A sociedade petersburguesa, movida por aparências, não recepcionou o príncipe com a cortesia que um ser humano, seja ele quem for e que quantidades de dinheiro têm, merece. O valor do humano enquanto somente humano não constituía-se arcabouço interpretativo para aquelas pessoas, a humanidade mais digna era a dos nobres. Assim, logo de sua chegada da Suíça, em condições paupérrimas, o receberam, mas com certo receio e esnobismo. Porém, logo tem a notícia de que tinha de ir a Moscou assinar os papéis de sua herança. O cenário mudou! Outrossim, os mais espertalhões, supondo uma certa estupidez do nosso herói, recrutarão esforços pra lhe extorquir certa quantia. Os golpes mais bem arquitetados atingem o príncipe, e ele, caía, não se ofendia muito, por o enganarem. De início, surgem credores cobrando dívidas do falecido:



(...) apareceram, por exemplo, credores do falecido comerciantes apoiados em documentos discutíveis, insignificantes, e apareceram outros depois de terem farejado o príncipe e sem quaisquer documentos – e o que aconteceu? O príncipe satisfaz a quase todos, apesar das recomendações dos amigos, para os quais essa gentinha e todos esses tais credores não tinham quaisquer direitos; e satisfaz unicamente porque de fato se verificou que algumas dessas pessoas realmente haviam sofrido.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 217.)

Efetivamente, se soube que o príncipe agraciava a todos que contassem qualquer historinha afirmando precisar de um empréstimo. Não iria cobrar o dinheiro, não pedia para assinar contrato, penhorar imóveis, ajuizar recursos, exigir testemunhas, protocolar documento em cartório, coagir, mesmo que verbalmente, sobre taxas, atrasos e datas para o cumprimento do acordo. Nada! Sequer possuía um advogado do qual pudesse pagar honorários para lhe oferecer consultoria ou administrar sua herança, - é de se imaginar que esse hipotético gestor iria enriquecer a custa dele! Mas, enfim, nenhuma estratégia de combate a essa canalha golpista de estelionatários e falsários fora inventada por Míchkin. Ele até queria ajudar, às vezes se achava até obrigado a isto! Já sabia que determinados encontros deviam-se a pedir algum dinheiro, que se queria extorquir, e ele nem se irritava, não considerava imoral, antiético, criminoso. Simplesmente concedia o dinheiro aludindo a palavras de amizade e amor.

– Talvez o senhor esteja querendo dinheiro emprestado, não é? – sugeriu o príncipe com muita seriedade e simplicidade, inclusive com um pouco de timidez.

Keller teve um estremecimento; encarou o príncipe com a surpresa de antes e bateu forte com o punho na mesa.

- Então é assim que o senhor faz um homem perder a tramontana! Ora, príncipe: um jeito tão simplório, tamanha ingenuidade que não se via nem na idade de ouro, e de repente penetra o homem de cabo a rabo como uma seta, com uma psicologia tão profunda na observação. Mas me permita, príncipe, isso exige um esclarecimento, porque eu... eu estou simplesmente



desnortado! É claro que ao fim e ao cabo o meu objetivo era pedir dinheiro emprestado, mas o senhor me perguntou sobre o dinheiro de um jeito como se não visse nisso nada de censurável, como se tudo isso devesse ser assim mesmo?(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 350).

É importante salientar, para os leitores um pouco mais relapsos, que Míchkin não está comprando a amizade de ninguém. Ele não precisa destas pessoas, o mundo dele se resolve nele mesmo, numa outra forma de se constituir, diferente da São Petersburgo novecentista. Dar um dinheiro aqui, outro ali, fomenta a sua característica de não reação, de mundo privado, de apolítico. Imagine o estelionatário, do alto de sua engenharia de discursos e elaborações, pronto a desferir o golpe, e quando acha que conseguiu enganar, o suposto enganado sabe que está sendo enganado, e não se ofende, nem briga ou chama a polícia. Ele cede o dinheiro! Ora, conjecturaríamos que o mestre da falsificação no mundo dos negócios sentir-se-ia muito frustrado. Tudo aquilo... se, se podia pedir o dinheiro logo! O sentimento que muitas vezes surge no leitor é o de pena, mas talvez, Dostoiévski não estivesse falando de um fraco, dispunha-se a narrar um espírito livre. Totalmente desprendido desta vida amarrada a normas, regras, disposições de humor e convívio social, formas de negociação, enriquecimento, poder.

– O senhor não desconfia, amável príncipe – continuou rindo Ievguiêni Pávlovitch, sem responder a pergunta direta -, o senhor não desconfia de que vim aqui simplesmente para engazopá-lo e de passagem arrancar alguma coisa do senhor? / - De que o senhor veio arrancar alguma coisa não há dúvida – riu finalmente o príncipe -, e talvez tenha resolvido até me enganar um pouco. Mas, e daí, eu não o temo; além do mais, agora tudo é a mesma coisa para mim, acredita? E... e... uma vez que estou convencido de que, apesar de tudo, o senhor é um homem magnífico (...)(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 415).

O ladrão anuncia o assalto e a vítima assente ao pedido, aceita a leviandade do outro e ainda devolve ao crápula aquilo que lhe é mais bonito, valioso, ativo, grandiloquente,



demonstrando sua indisposição para as inimizades, para os ódios, para os sentimentos reativos. Para espíritos decadentes entender o príncipe é uma tarefa dispendiosa, por isso a necessidade de ofender, maltratar com gestos, palavras e ações, reduzir sua complexidade, sua singularidade, a um idiota. Ser rico, proprietário de uma herança, indiferente aos golpistas e interesseiros, não é suficiente, ainda se tem que se portar bem em sociedade. Há, nas famílias nobres e, até mesmo em famílias burguesas muito ricas e poderosas, influentes, rituais de inserção no secto dos eleitos e intocados. “Pela primeira vez na vida ele via um cantinho daquilo que se chama pelo terrível nome de ‘alta sociedade’.”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 597). Quando de sua ida a Moscou, conta a generala, que Bielokónskaia lhe apresentara a algumas casas importantes e que se portou bem, nem demonstrando timidez excessiva, nem expressando-se de modo inapropriado. Nem sempre as coisas seguirão esse rumo habitual!

A velha o procurara em Moscou, tomara informações sobre ele, ficara sabendo de uma coisa muito boa; o príncipe finalmente aparecera em pessoa na casa dela e lhe deixara uma impressão quase extraordinária. “Via-se daí que ela o convidava quase todos os dias a visitá-la pelas manhãs, de uma a duas horas, que ele ia a sua casa todos os dias e não estava farto” – concluía a generala, acrescentando que “através da velha” o príncipe estava sendo recebido em duas ou três casas boas. “É bom que ele não está ficando pregado na cadeira e nem se acanha feito um bobo”.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 217).

Depois deste primeiro contato do príncipe com a nobreza em Moscou, houve outro no qual seria o acontecimento definitivo de sua inserção na alta sociedade. Aglaia, bastante sensibilizada com o príncipe, lhe advertia, recomendava ficar quieto e nada falar, temia pelo pior. Pois ela sabia da malícia dos homens sofisticados e entendia que a inocência do príncipe o colocaria em maus lençóis. Brava, chamou-lhe atenção sobre o antigo vaso chinês que se encontrava exposto na sala pronto para um desastrado esbarrar nele. O príncipe até teme o acidente e comenta que agora que ela o havia avisado poderia mesmo



esbarrar por medo de esbarrar. “(...) estou certo de que começarei a falar de medo e de medo quebrarei o vaso.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 590). Dentre as preocupações de Aglaia encontrava-se o receio dele explanar sobre assuntos polêmicos ou inadequados desobedecendo ao tato, à etiqueta do que comentar ou não. Curiosamente, todos os receios de Aglaia se realizaram. Primeiramente, o príncipe sentiu-se a vontade com aquele meio social, parecendo-lhe que todos lhe eram amigos de tão afáveis e solícitos que se mostravam ser. Como era de esperar, não teve tato para deduzir que aquilo tudo eram aparências, que muitos ali se odiavam, mas que conviviam porque poderiam se beneficiar do poder social e político do outro.

O encanto das maneiras elegantes, da simplicidade e da aparente sinceridade era quase mágico. Não podia nem passar pela cabeça dele que toda essa sinceridade e essa nobreza, o senso de humor e a alta dignidade pessoal fossem, talvez, apenas um magnífico arranjo artístico.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 597).

Não suspeitava que toda essa beleza no trato com os outros fazia parte de um inumerável escarcéu de recursos para manter as aparências, que aquilo tudo era falsidade, ostentação e esnobismo. Se no primeiro momento, esteve convicto de que iria se “comportar”, noutro sentiu-se tranquilo para falar, pois além da amabilidade dos convivas, o assunto Pavlishov (que assumira sua educação) surgiu como uma bomba incendiária. Ivan Pietróvitch anunciava-se como parente de Pavlishov. A um canto conversavam e o príncipe ao ouvir o nome levantou a orelha e compenetrava-se na conversa. Pouco tempo depois foi inserido na roda e dado o tempo das apresentações, os relatos de infância dos quais Míchkin denuncia sua idiotice daquela época, as suas preceptoras, bastante rígidas inclusive, nada de extraordinário ocorreu. *Papo vai papo vem* e no enredo até suave e leve em que se encaminhava a conversa, Pietróvitch informa aos circundantes que Pavlishov



convertera-se ao catolicismo. O príncipe, decepcionado, inicia uma longa explanação sobre suas impressões sobre a igreja romana promovendo duros ataques a instituição. Se por um lado havia um tom eslavófilo e nacionalista no sentido de exaltar a Igreja Ortodoxa Russa destituindo a Igreja Romana, por outro os seus golpes preconizavam uma opinião por demais dura, “O catolicismo é o mesmo que uma fé não cristã!” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 607.) Assunto interessantíssimo, porém inapropriado para uma reunião de caráter confraternizador.

- Uma fé não cristã, em primeiro lugar! – tornou a falar o príncipe com uma inquietação extraordinária e com uma nitidez fora da medida. – Isso em primeiro lugar; em segundo, o catolicismo romano é até pior que o próprio ateísmo, é essa a minha opinião! Sim! É essa a minha opinião! O ateísmo também prega o nada, mas o catolicismo vai além: prega um cristo deformado, que ele mesmo denegriu e profanou, um cristo oposto! Ele prega o anticristo, eu lhe juro, lhe asseguro! Esta é uma convicção minha e antiga, e ela mesma me atormentou... O catolicismo romano acredita que sem um poder estatal mundial a Igreja não se sustenta na terra (...). A meu ver, o catolicismo não é nem uma fé mas, terminantemente, uma continuação do Império Romano do Ocidente, e nele tudo está subordinado a esse pensamento, a começar pela fé.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 607.)

Não é necessário nem se alongar em comentar que tal opinião não fora recebida com todo o acolhimento. Mas, não acabou por aí, Míchkin continua sua argumentação! Entretanto, inapropriada àquele círculo e naquele contexto. De dentro do catolicismo haveria nascido tanto o ateísmo quanto o socialismo. O primeiro porque a crença do sacerdócio no embuste que eles mesmos criaram seria inverossímil já que o Cristo da cruz nunca fez a defesa de um império mundial solidificado pela destreza da espada, que Jesus constituía-se o extremo oposto disto, ou seja, o mais apolítico dos profetas de uma Jerusalém que clamava por um nome para liderar seu povo, - o profeta do amor e do perdão.



O ateísmo derivou deles, do próprio catolicismo romano! Antes de mais nada o ateísmo começou deles mesmos; poderiam eles crer em si mesmos? Ele se fortaleceu da repulsa a eles; ele é produto da mentira e da impotência espiritual! Ateísmo!(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 608).

O segundo como negação ao cristianismo fundado por Paulo como uma tentativa de substituir o poder religioso moral católico corrompido por seus políticos por uma ordem política moral incorruptível e justa, o socialismo. Ora, se as advertências de Aglaia sobre não tomar partido de determinados assuntos não foram correspondidas, a do vaso chinês menos ainda. O príncipe esbarrou no vaso e ele caiu, para desespero da plateia. Essa cena muito comum no cinema de humor, assim como em desenhos animados hoje em dia, ganha contornos de gargalhada e diversão, e no romance tem esse aspecto de riso também. Entretanto, há uma linha tênue entre o riso e o total desespero, pois nos compadecemos do príncipe e torcemos por ele. O acidente demonstra, mais uma vez, a completa falta de tato para lidar em sociedade. Naquele ambiente se tem um modo delicado, ponderado para se expressar, corporalmente e verbalmente. Se sabe que determinadas relíquias, objetos de estima, por causa de seu valor monetário e raridade artística, são expostos como símbolo de poder e que pessoas educadas neste universo conseguem mensurar ações de contemplação sem, contudo, cometer alguma atitude que destrua a peça de valor inestimável.

Ao dizer estas últimas palavras, ele se levantou de súbito, agitou imprudentemente um braço, fez um movimento de ombro e... ouviu-se um grito geral! O vaso balançou, primeiro como que vacilando: talvez fosse o caso de cair na cabeça de algum dos velhotes, mas de repente inclinou-se para o lado oposto, na direção do alemãozinho, que mal se levantara de um salto tomado de horror, e desabou no chão. Um estouro, um grito, cacos preciosos espalhados pelo tapete, susto, estupefação – oh, como ficou o príncipe, é difícil e quase até desnecessário representar!(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 612).



Por fim, é digno de nota ainda, o caso em que escreveram um artigo, completamente calunioso, no qual pretendiam usá-lo para extorquir dinheiro do “idiota”. Um grupo grande de homens vai à casa dele para pressioná-lo, afrontá-lo, no sentido de convencê-lo a dar-lhes um dinheiro para que desmentissem as ofensas. Como se o príncipe fosse daqueles que vivem se comparando aos outros, como se ele necessitasse de aceitação social para conduzir a sua vida. Ou seja, deduziam que ele não iria querer ter sua imagem desfalecida publicamente, que não suportaria os olhares e burburinhos de uma gente insossa e desocupada fofocando sobre seu comportamento, talvez, um pouco, dispare da totalidade serializada do rebanho. Míchkin encontrava-se aquém do que os outros iriam falar, mais do que isso, também estava alheio ao golpe dos rapazes e inclusive concede o dinheiro, menos que o pedido e sustentava que o resto seria pago com a sua amizade. Fez algumas críticas, denunciou o caráter vil da presepada, entretanto acolheu a demanda dos farsantes.

Eu lhes digo francamente, senhores, que esse caso me pareceu a maior vigarice, precisamente porque nele Tchegarov está metido... Oh, não se ofendam, senhores! Pelo amor de Deus não se ofendam! – gritou assustado o príncipe (...) - Se eu disse que considero este caso uma vigarice, isto não pode se referir pessoalmente aos senhores! Porque antes eu não conhecia nenhum dos senhores pessoalmente, não sabia dos vossos sobrenomes; julguei apenas por Tchegarov; falo em linhas gerais, porque... se os senhores soubessem o quanto me enganaram terrivelmente desde que recebi a herança!(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 312).

À frente, o príncipe faz a proposta:

- Como! Só dez mil! – gritou Hippolit.
- Bem, príncipe, o senhor é muito fraco em aritmética ou então muito forte, ainda que procure se fazer de simplório! – exclamou o sobrinho de Liébediev.
- Eu não concordo com os dez mil – disse Burdovski.



- Antip! Concorda! Sugeriu-lhe com um cochicho rápido e nítido o boxeador, que se inclinara por trás do encosto da cadeira de Hippolit. – aceita e depois veremos. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 314).

Um pouco depois, comenta, ingenuamente, para a surpresa de todos.

Mas eu desejava recompensar tudo isso mais tarde com a minha amizade (...). (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 315).

A dificuldade de lidar com as questões públicas e de Estado são encontradas no tipo psicológico do Redentor. De modo similar, Nietzsche desenvolve um cristo anárquico, inimigo das instituições. Não porque declarou guerra aos poderosos e sacerdotes judeus e prometia junto aos seus correligionários uma revolução social estrutural profunda. “Ora, Jesus não pretendia destruir o jugo romano sobre Israel através de uma revolução social marcada pela imposição do vigor físico, da força corporal.”(BITTENCOURT, 2010, p. 116). Sua não reação e sua forma privada de estar no mundo o transformavam em inimigo do Estado e dos sacerdotes.

O mesmo vale para o Estado, para toda ordem e sociedade civil, para o trabalho, a guerra – ele jamais teve motivo para negar o ‘mundo’, jamais teve ideia do conceito eclesiástico de ‘mundo’... Justamente o negar é impossível para ele.(NIETZSCHE, 2007, p.38)<sup>2</sup>

Viver o seu próprio mundo, separado dos outros, uma experiência crística, o reino dos céus no coração do homem, em si mesmo, já é uma ação desestabilizadora. Ou seja, Jesus não detinha o poder político como a lutar contra um problema, para ele essas delongas eram desconhecidas do seu mundo interior. Entretanto, a camisa de força social a qual, todos estamos aprisionados, não aceita, de bom grado, uma atitude apolítica, no sentido de não entender ou não acatar as regras judiciais, de mercado, de rituais religiosos:

---

<sup>2</sup> AC 32



“(...) por não fazer diferença entre forasteiros e nativos(...); por não se deixar ver nem invocar nos tribunais.”(NIETZSCHE, 2007, p. 39)<sup>3</sup> No caso judeu, o dia de sábado serve de descanso e nele nada se faz. Jesus realizava diversas atividades no sábado e, aliás, mantinha-se longe dos anúncios de se guardar o sétimo dia. Na verdade não via sentido naquilo. Todavia, como uma regra social consolidada, não cumpri-la poderia ser tomado como rebeldia, desacato e conspiração.

6 Em outro dia de sábado, Jesus entrou na sinagoga e ensinava. Achava-se ali um homem que tinha a mão seca. 7 Ora, os escribas e os fariseus observavam Jesus para ver se ele curaria no dia de sábado. Eles teriam então pretexto para acusá-lo. 8 Mas Jesus conhecia os pensamentos deles e disse ao homem que tinha a mão seca: “levanta-te e põe-te em pé, aqui no meio”. 9 Disse-lhe Jesus: “pergunto-vos se no sábado é permitido fazer o bem ou o mal; salvar a vida ou deixá-la perecer”. 10 E, relanceando os olhos sobre todos, disse ao homem: “estende tua mão”. Ele a estendeu e foi-lhe restabelecida a mão. 11 Mas eles encheram-se de furor e indagavam uns aos outros o que fariam a Jesus.( Lc 6, 6-11)

A rebelião de Jesus foi contra os sacerdotes judeus, cheios de hipocrisia. Faladores de um modo de vida ou, de um modo de condenar a vida, inadequado ao tipo Jesus. A mensagem do Redentor como já aludimos, não promete o além-mundo, estas palavras são de Paulo, Jesus anuncia o reino de Deus aqui na Terra, sem intermediários, sem sacerdotes, igrejas, sinagogas, mas como uma prática de vida envolta no amor, no genuíno amor. Se, por um lado, a redenção não é o paraíso neste além-mundo, o inferno, por outro, não é o chão no qual pisarão os pecadores para que os eleitos possam saborear sua reconfortante vingança vendo seu irmão queimar na pedra incandescente de satã. Isto é, os ensinamentos de Jesus não servem aos desígnios da casta sacerdotal, seja ela a judia ou a cristã. Um Deus que é só perdão não serve a humanos fracos sedentos por vingança.

---

<sup>3</sup> AC 33



Não vejo contra o que se dirigia a rebelião da qual Jesus Cristo foi entendido – ou mal entendido – como sendo o causador, se não foi uma rebelião contra a Igreja judia, ‘Igreja’ no exato sentido em que hoje tomamos a palavra.(NIETZSCHE, 2007, p. 33).<sup>4</sup>

O mais grave ou mais típico de Jesus é que ele não fez política no sentido de escamotear, fazer aliados, conhecer poderosos que lhes dessem retaguarda. Realizava o que considerava ser realizado sem se apoiar nas convenções sociais, políticas, econômicas ou culturais. Sua disposição apolítica era sua principal arma contra uma sociedade eminentemente política, como a hebraica no contexto do Império Romano.

Nesse contexto apresentado, pode um cristão ser eleitor, juiz ou agente de governo, assim como tomar parte em guerras, disputas ideológicas e compactuar com os aparatos normativos do Estado? Numa perspectiva radicalmente crística, a resposta indubitavelmente será negativa.(BITTENCOURT, 2011, p.112).

É significativo sempre lembrar que os evangelhos foram adulterados segundo os interesses do sacerdote cristão, por isso a necessidade, segundo Bittencourt, de uma aposta na intuição no sentido de recuperar os traços psicológicos do Redentor. A disposição apolítica de Jesus é seu ato beatífico e qualquer aproximação da sua existência do jogo das amarras políticas é artimanha de velhaco. Por exemplo, quando:

15 Disse-lhes Jesus: E vós quem dizeis que eu sou? 16 Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo! 17 Jesus então lhe disse: feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que esta nos céus. 18 E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. 19 Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo

---

<sup>4</sup> AC 27



que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus.(Mt 16, 15-19)

A igreja de Jesus não é uma instituição feita de tijolos e argamassa, cheia de sacerdotes sequiosos por poder e dinheiro. A igreja que Jesus pediu a Pedro que edificasse não é a igreja católica de um Paulo moralista que com uma cartada transformou todo o falatório de rabino em ritualística e tradição. Uma quaresma sombria para reflexão do pecado, uma sexta-feira santa mórbida teatralizada pelos *chandala*, um sábado para malhar o Judas, desferrar nele todo o veneno de uma alma vingativa, um domingo edificante para a glória do Senhor. Uma túnica para cada tempo litúrgico, uma canção para cada momento do culto, um culto metodicamente construído, com altos de energia e intensidade, e baixos de melancolia, tristeza e dor. Cada palavra com sua carga de culpa, toda oração como uma lembrança de que este mundo não vale nada e que somos os assassinos de um Deus misericordioso. A Igreja com seus espaços, cheios de detalhes, sentidos, lugares, modos de se portar, gestos, desenhos, esculturas, artes, músicas, falas, tons, uma imensidão de cultura, séculos após séculos, milênios após milênios, passados todos os grandes políticos, todos os exércitos mais combativos da história, tudo se torna picuinha diante da poderosa e gigantesca estrutura moral religiosa católica. Mesmo o homem mais sábio e mais visionário, é ele também contaminado pelo anticristo, o tempo do homem sucumbe diante da imensidão de uma cultura tão arditosamente programada. Tudo e todos estão enlameados de cristianismo, de todas as suas vicissitudes, culpa, pecado, ressentimento, memória, vontade de vingança.

Efetivamente, não é esta a igreja de Jesus! Ao pedir a Pedro que funde a sua igreja, fala de sua prática beatífica de amor. A estrutura que funda a igreja do Redentor é a sua não-reação como ação junto aos pecadores e desprezados pela sociedade. As chaves do Reino dos Céus não abrem as portas do paraíso no além, tais chaves são o exemplo de



Jesus que na sua vivência no sentido de sua interiorização encontrou o Reino dos Céus. Esse estar no Reino dos Céus aqui na terra religa tudo, já não há mais anteparos, sacerdotes, emissários do além-mundo, o Reino dos Céus no coração de cada um já não é mais uma dualidade Céu Terra, Céu inferno, mas uma unidade plena de significado e alegria porque faz de todo homem igreja do Senhor, pois pela prática efetiva do amor como puro despojamento o liberta de todo rancor, de todo ressentimento, de toda memória, faz do homem morada de Deus pela santificação da ausência de vontade de poder. Jesus era perigoso. Seu evangelho exerce um modo de vida totalmente distinto, outro, “não é uma fé, mas um fazer, sobretudo um não-fazer-muitas-coisas, um ser de outro modo... ( ...)”(NIETZSCHE, 2007, p. 45).<sup>5</sup> O Estado organizado, assim como o judaísmo instituído não compactuariam com o pronunciador de uma boa nova, que, se não nega, abstém-se, é indiferente aos pressupostos historicamente dados naquela sociedade. Tal indiferença retira o sujeito da condição de amansado e domesticado para realocá-lo a outra posição, que se não é hostil, também não é obediente ao chicote do carrasco. Destarte, a singularidade de sua vivência crística o levou a cruz.

Esse “portador da boa nova” morreu como viveu, como ensinou – não para “redimir os homens”, mas para mostrar como se deve viver. A prática foi o que ele deixou para a humanidade: seu comportamento ante os juízes, ante os esbirros, ante os acusadores e todo tipo de calúnia e escárnio – seu comportamento na cruz.(NIETZSCHE, 2007, p. 41).<sup>6</sup>

Jesus não estava preocupado com política *stricto sensu*. Mas com a vivência beatífica de plenitude no amor. A política é terreno para a expansão dos afetos reativos, dos ódios, das vinganças. As alianças são estratégias instáveis, utilitaristas. O ambiente

---

<sup>5</sup> AC 39

<sup>6</sup> AC 35



propício para o desenvolvimento do ressentimento é a política, portanto o Cristo enquanto não reatividade e esquecimento não afinar-se-ia a uma prática política. Seja uma política institucional ou um conjunto de relações de forças, todas em disputa como elenca Michel Foucault.

A ideia de que a inserção de questões políticas numa dada religião motiva não raro a inserção de tendências psicológicas reativas não é de forma alguma desprovida de sentido, pois a relação política requer uma disposição agonística da parte dos indivíduos, e essa disposição, caso não seja devidamente regulada pelos sectários, pode vir a se transformar em estímulo para o desenvolvimento de afetos ressentidos. (BITTENCOURT, 2010, p. 118).

Portanto, o projeto do único cristão não passava pela dissolução do Estado, pela rebelião popular ou alguma coisa do tipo. Seu ato subversivo foi negar as instituições por, simplesmente, desconhecê-las, por negar o sacerdócio e anunciar que o reino de Deus não depende de ninguém mais além de nós mesmos, uma alegria do coração.

O projeto evangélico de Jesus, tal como compreendido por Nietzsche, não consistia no questionamento e na supressão da ordem política estabelecida, mas na instauração do estado de alegria mediante a prática doadora de amor, circunstância que retira a pessoa das picuinhas corriqueiras da realidade. (BITTENCOURT, 2010, p. 117).

Os sacerdotes e chefes do poder da época não conseguiam combater o Cristo, pois não entendiam o que ele estava fazendo perdoando, amando e vivendo sua interioridade. A missão profética de Jesus havia sido cumprida, se não fosse a sagacidade de Paulo em deturpar a mensagem evangélica. As noções de morte e ressurreição, de salvação da humanidade como pecadora e condenada, que deveria redimir-se e recolher-se num ascetismo meditativo- penitencial; a condenação do mundo como pecado e sofrimento contaminado pelo erro; a falsificação da verdade, o aniquilamento da vida como dor de



uma provação na qual os homens devem ser portadores para entenderem o sacrifício de Deus em sua pedagogia do bem; tudo isso simbolizou a morte dos evangelhos e a institucionalização do cristianismo ou, o estabelecimento do anticristo na Terra. “ – Jesus havia abolido o próprio conceito de ‘culpa’ – ele negou todo o abismo entre Deus e homem, ele viveu essa unidade de Deus e homem como sua ‘boa nova’... E não como prerrogativa!”(NIETZSCHE, 2007, p. 47).<sup>7</sup> Todos os ensinamentos de Jesus perderam-se pela adulteração dos evangelhos. A não reatividade, o não vingar-se, somente amar, perdoar, não julgar, não condenar, sentir a plenificação do Deus abundante como uma experiência de vida, terrena, humana, no coração, “o reino de Deus esta nós”(NIETZSCHE, 2007, p. 35).<sup>8</sup>, tudo se perdeu. Lentamente, todo o evangelho foi destruído. Vagarosamente, toda espontaneidade de uma vida aqui, sem culpa e pecado, aniquilou-se. “A partir de então entra no tipo do Redentor, passo a passo, a doutrina do julgamento e do retorno, a doutrina da morte como uma morte sacrificial, a doutrina da ressurreição(...).”(NIETZSCHE, 2007, p. 47).<sup>9</sup> E o golpe de mestre da casta sacerdotal judia consubstancia-se marcando na memória a dívida impagável do assassinato de Deus invertendo os valores morais.

Mas, inequivocamente, toda a trama paulina sustentou-se no seu desejo, o mais antievangélico, sua sede pelo poder. O apolítico converteu-se no mais ambicioso político. No instituir-se a Igreja, a Lei, a hierarquia, no fundar as bases políticas do papado, se negou a mensagem do Cristo em prol do jogo vaidoso do Alto Clero e sua vontade de fundar o império da absoluta verdade moral no mundo. “- Sua necessidade era o poder, com Paulo o sacerdote quis novamente chegar ao poder – ele tinha utilidade apenas para

---

<sup>7</sup> AC 41

<sup>8</sup> AC 29

<sup>9</sup> AC 41



conceitos, doutrinas, símbolos com que são tiranizadas as massas, são formados os rebanhos.”(NIETZSCHE, 2007, p. 49).<sup>10</sup> A instituição se tornou engessada, velha, adulta. O homem esquecido, de caráter privado, o não reativo, o apolítico, podem ser isto porque são pueris. A infantilidade de seus traços faz com que se pareçam idiotas. Na observação de um corpo adulto que tem todos esses atributos se verifica também uma forma de estar no mundo, própria das crianças. A Igreja não proíbe a entrada das crianças, seria leviano demais, assim como pouco inteligente, do ponto de vista da catequese e da manutenção do rebanho. Entretanto, se estabelece normas, não se quer que elas gritem, corram, brinquem, e se pune a bagunça ameaçando-as a habitarem as grandes fornalhas do inferno longe do papai e da mamãe. “11 Quando era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança.” (1Cor 13, 11) Com a institucionalização do cristianismo, Paulo deixa claro a sua distância do mundo das crianças, se tolheu até a irrestrita entrada dos pequenos no Reino dos Céus como assim anunciava o Redentor.

## O ALÉM-DO-HOMEM E A CRIANÇA

O além do homem como o advento da criança é uma hipótese apresentada pelo próprio Nietzsche. No Zarathustra quando trata das três metamorfoses anuncia a transformação do leão, aquele originado do espírito de peso do anão, em criança.

A criança é inocência e esquecimento, um começar de novo, um jogo, uma roda que gira por si própria, um primeiro movimento, um sagrado dizer sim. Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso um sagrado dizer

---

<sup>10</sup> AC 42



sim; agora, o espírito quer o seu próprio querer, aquele que se perdera para o mundo conquista *o seu próprio* mundo.(NIETZSCHE, 2011, p. 35).<sup>11</sup>

Segundo Julião, Zaratustra depois de seus dez anos no alto da montanha retorna a sociedade para expor sua sabedoria e o ancião que o havia acompanhado quando da subida agora percebe a criança que brilha em seu olhar. “O velho constata uma mudança em Zaratustra que, segundo ele, despertara de seu sono e voltara a ser criança.”(JULIÃO, 2007, p. 77). Mas é Renato Nunes Bittencourt que aproxima a prática evangélica a uma concepção transvalorada infantil.

(...) leva uma inestimável contribuição na literatura moderna tanto na descrição tipológica do homem do ressentimento como na análise sublime da “idiotia” enquanto disposição psicológica regida pelos símbolos da inocência e extra-moralidade.(BITTENCOURT, 2011, p. 55).

A beatitude de Jesus é infantil porque não é expressamente reativa, mas ativa, é uma existência inocente que não necessita comparar-se, julgar ou ressentir. Sua prática de amor, talvez desprovida de vontade de poder, não fora entendida por aqueles que quiseram ser cristãos.

Contudo, os “seguidores” do legado evangélico de Jesus não compreenderam a sua perspectiva beatífica, inserindo traços reativos, moralistas e teleológicos no discurso “extra-moral” do Nazareno, negando assim a autenticidade e a inocência sagrada dos Evangelhos.(BITTENCOURT, 2011, p. 70).

Uma pista disponível nos evangelhos demonstra Jesus como apreciador das crianças, dando-lhes lugar, reservado-lhes o Reino dos Céus. E se “o Reino dos Céus está

---

<sup>11</sup> Za I, Das três Metamorfoses.



em nós”, no coração de Jesus, então o lugar das criancinhas é o coração do alegre mensageiro que *in toto* não se diferencia tanto do modo de ser infantil.

A narrativa evangélica descreve Jesus como alguém que sempre apreciava brincar com as crianças que se lhe apresentavam nas suas peregrinações: “Traziam-lhe até mesmo as criancinhas para que as tocassem; vendo isso, os discípulos as reprovavam. Jesus, porém chamou-as, dizendo: ‘Deixai as criancinhas virem a mim e não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo, aquele que não receber o Reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele’”(Lc 18, 15-17). (BITTENCOURT, 2011, p.109.)

Gisel considera que o homem saudável lida com a realidade considerando seus aspectos constituintes, não os negando, mas suportando sua condição, às vezes, inóspita e beligerante.

O homem não-doente, que não reage, é antes de mais nada o homem que não julga e não interfere. Para ele, toda realidade tem seu próprio direito, além do Bem e do Mal. Ele não deprecia a realidade por ressentimento. É o homem que considera o devir inocente, que tem atitude de criança, atitude de Jesus. Está tanto além do “eu sou responsável” como do “qualquer um deve ser responsável.” (GISEL, 1981, p.103).

Assim, o homem que supera o homem sofre a transformação do leão em criança, porque assume a vida como criação, como jogo, como devir, sofrendo suas intempéries, mas as enfrentando com jovialidade e alegria, não ressentindo o passado, nem projetando no futuro uma suposta felicidade que signifique uma fixidez, uma falta de movimento, uma paz.

A ideia de uma transvaloração dos valores de nossa civilização, divisada sob a ótica da criação, implica uma simbiose entre o leão e a criança de Zaratustra: o entrelaçamento entre a reconquista da infância perdida do mundo como inocente devir, e a atividade criadora cardinalmente leonina. (APOLINÁRIO, 2011, p. 291).



O jogo, portanto, é o motor gigante da vontade de poder, que como tal, aposta, e, se ganha e se perde. Daí o jogar ser uma atitude primorosa da infância, daquele que suporta a derrota, não como aprendizado ou como respeito ao oponente, mas como condição da vida. O homem, orgulhoso de sua “superioridade”, de seu saber, este leão moderno, não dá conta da dimensão completamente aleatória da vida e cria planejamento requerendo anular a brincadeira e o acaso, anestesiando um pouco a sua dor.

“O jogo”, o inútil, como ideal daquele-sobrecarregado-de-força, como “infantil”. A “infantilidade” de Deus”(Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [130], KSA 12.129.). Em outras palavras, o jogo se desloca da periferia para o centro da vida como a mais alta possibilidade humana, e é considerado como quintessência da vida, elevando-se ao grau supremo, pois certamente a maioria das ações humanas são atividades, movimentos em que se descarrega uma força que visa sempre a transbordar.(GUERVÓS, 2011, p.52.)

Se joga por jogar numa vida como brincadeira. Porque se é brincando que se vive, a criança vive brincando, algo sem a seriedade moral dos medrosos que inventaram regras para controlar e prever, abstendo-se da aventura da sempre novidade deste desbravar a existência.

Por isso, Heidegger, ao se perguntar por que a grande criança do mundo de Heráclito joga, responde buscando justificar ontologicamente o modo de ser do jogo: “joga porque ele joga (*es spielt*). Permanece somente jogo: o supremo e mais profundo”. E esse acontecer do jogo que representa sua verdadeira essência, à margem dos que dele participam, é possível precisamente porque “o jogo é sem porquê”.(GUERVÓS, 2011, p. 54).

A sinceridade com a qual a criança lida com a vida permite a Bittencourt aproximar o além-do-homem da criança, pois o homem transvalorado ou superou os valores morais judaico-cristãos, socrático-modernos, ou criou/cria seus próprios valores morais a partir da dinâmica do jogo que se reconfigura a cada contexto da vida. “É só no seio desse jogo que surgem e aparecem os valores para além de bem e mal, porque o jogo é



amoral.”(GUERVÓS, 2011, p. 56). Não há meta na vida. Nem um objetivo a ser alcançado. Nada em si mesmo significa o porquê sermos esta existência. As projeções futuras são arranjos semânticos desenvolvidos pelo homem moderno para acalmar sua angústia sobre a completa falta de sentido da vida. Por isso o jogo, um arranjo que se perde e se ganha, mas que perder e ganhar não tem um valor absoluto e pesado, se esquece para de novo jogar.

Nietzsche utilizará essa metáfora de Heráclito para expressar simbolicamente que o acontecer da vida dentro de um mundo finito é uma criança inteligente com poder sobre-humano que, a partir de si e por si mesmo, produz de modo infantil um movimento sem meta nem fim.(GUERVÓS, 2011, p. 59.)

Para Guervós é o jogo capaz de fazer o homem superar o niilismo. “Por fim, Nietzsche mostrará em seu *Zaratustra* como o jogo é a forma mais alta da atividade humana e ao mesmo tempo a forma de atividade capaz de superar o niilismo.”(GUERVÓS, 2011, p. 67). Daí a necessidade de aprender a aprender a jogar, isto é, aceitar os arranjos do acaso, do caos, assumir a dor da existência não como a ranger os dentes ou como uma vontade de vingança, mas como uma jogatina sem regras pré-definidas. “Para poder superar a si mesmo e poder ‘criar para além de si’, *é preciso aprender a jogar*, a saber jogar. E saber jogar é *afirmar o acaso*.” (GUERVÓS, 2011, p. 68). A inocência é o modo de dispor-se à vida sem negá-la, sem condená-la. Essa concepção filosófica é afirmadora da Terra, do sentir o mundo numa prontidão para as demandas nunca sabidas de antemão, do assumir a existência como dor, sem choramingar; de sofrer cada quinhão da dor no movimento do jogo que transfigura o apolíneo no dionisiaco. “A ‘grande era’, diz o filósofo, ocorrerá por um aumento das ilusões e um retorno à inocência — triunfo que depende da ‘República dos gênios’[ Nachlass/FP 1869 – 1874, 29[52], KSA 7. 649]”.(NASSER, 2012, p. 294.) A criança é o grande gênio, o além-do-homem, algo indigesto aos olhos das massas



corrompidas pelo espírito de rebanho. Sua jovialidade é incompreendida pela maioria. Sua espontaneidade e amor com relação à vida, uma existência que brinca, é insuportável ao homem que se tornou sério demais e que de sua altura não diminui-se a brincar. Entretanto, tal assertiva é produto da inversão dos valores morais nos quais este homem que não brinca é um fraco que construiu rebanho para ter alguma segurança e garantia, enquanto a criança ou, a metáfora da criança, é forte, pois lida com a vida sem procrastinação, com sinceridade e alegria.

A rigor, a massa resiste ao surgimento dos grandes indivíduos em função da extemporaneidade que o caracterizam. O heroísmo dos grandes homens que se recusam a ser um 'brinquedo' nas mãos do tempo — essa 'grande criança' — contrasta com a covardia e comodidade da massa.(NASSER, 2012, p. 294.)

E, por isso, a criança como além-do-homem anuncia-se em Míchkin e no tipo Jesus. A hipótese levantada por Bittencourt sustenta que o tipo “idiota” é uma metáfora importante criada pelos escritores russo e alemão para anunciar o novo homem, sem os traços ressentidos, mesquinhos, doentes, do homem forjado pela moralidade dos costumes. Que a criança fecunda uma experiência suprema, beatífica, de vida, de corpo, de (T)terra. Nesse sentido, “a criança evangélica abre suavemente o caminho para a singularidade do homem transvalorado, sem fazer oposições nem estabelecer contendidas, sendo a aurora de um porvir de inocência e de beatitude.”(BITTENCOURT, 2011, p.111). Jesus seria o anúncio do novo homem, um homem desprovido de vontade de poder, que não reage, o que justificaria um reposicionamento da doutrina da vontade de poder do tipo Zaratustra. Ou seja, Nietzsche teria abandonado o Zaratustra em prol de um cristianismo de concepção totalmente privatista, infantil e idiota. Isto ainda é pouco, afirmar o tipo Jesus não exige a anulação do tipo Zaratustra. A doutrina da vontade de poder enquanto vigoroso sentido da vida anunciada pelo filósofo dançarino não impede a formulação da



possibilidade hermenêutica de um tipo Jesus, pois o modo existencial de um é completamente distinto do outro, o ser de Zaratustra é vontade de poder; o ser Jesus é a sua santidade beatífica dimensionada pela ausência de vontade de poder. Enquanto o primeiro é na medida da sua ampliação de força, o segundo é na redutibilidade de seu poder instintual até a nulidade.

O Cristianismo originário é a infância livre de toda discórdia e contradição e acolhida ao mesmo tempo no espiritual, um ser-homem que descansa ingenuamente em si mesmo.(BITTENCOURT, 2011, , p.111).

Até aqui sustentamos que a influência russa sobre Nietzsche foi edificante. Não arredamos o pé deste ponto, entretanto temos que dar outras nuances a nossa interpretação. No texto nietzschiano se alude, em diversos pontos, sobre uma perspectiva fisiológica ou mesmo faz referências a noções médico psiquiátricas. A discussão de se estas alusões são recursos estilísticos, metáforas apenas, ou se, de fato, Nietzsche estava se referindo aos fisiologistas da época, não finda e não se resolve por si mesma. De fato, a fisiologia dos noventa evoluía rápido com grandes nomes da psicologia, da psiquiatria, da medicina em geral e, inevitavelmente, os estudos chamavam a atenção da comunidade acadêmica e científica. Apostar numa perspectiva de análise fisiopsicológica não é absurda *in toto*. Logo, quando há indicações de uma criança como idiota perfazendo o tipo psicológico do Redentor, é possível sustentar a hipótese de que Nietzsche não está falando de qualquer concepção de idiota, mas refere-se ao transtorno psiquiátrico da idiotia<sup>12</sup>. Em que o desenvolvimento do indivíduo é paralisado ainda em idade bastante tenra, enquanto o corpo continua o seu desenvolvimento. “O caso de uma puberdade retardada e não

---

<sup>12</sup> Hoje o termo Idiotia ou Idiota foram abolidos dos manuais de medicina e psiquiatria, assim como dos de psicologia, isto porque o termo tem uma conotação pejorativa que não contribui em nada para o tratamento e a cura. Muito pelo contrário, estigmatiza o paciente levando-o a desenvolver outros transtornos.



desenvolvida no organismo, como consequência da degenerescência, é familiar aos fisiologistas, pelo menos.”(NIETZSCHE, 2007, p. 37).<sup>13</sup> Assim como a não reação deve-se a uma obstrução fisiológica que impede o organismo de responder ao estímulo. Dostoiévski, inclusive, faz uso do termo idiota também como transtorno psiquiátrico.

Esse mundo peculiar e doente em que os evangelhos nos introduzem – como o de um romance russo, no qual a escória da sociedade, as doenças nervosas e o idiotismo ‘infantil’ parecem ter um encontro – deve ter em todo caso, tornado mais grosseiro o tipo(...) (NIETZSCHE, 2007, p. 36)<sup>14</sup>

Deste modo, descrevemos a hipótese literária como possibilidade hermenêutica do tipo fisiopsicológico de Jesus. Porém, outras nuances podem ser desenvolvidas, por exemplo, pela influência médica do século XIX sobre a intelectualidade em geral, que os leitores encontram no prelo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Idiota de Dostoiévski apresenta profundas semelhanças com o tipo Jesus de Nietzsche. Existe uma discussão de se Nietzsche teria lido esta obra de Dostoiévski. De qualquer modo saímos da perspectiva de uma não reatividade como indício de uma nulidade de vontade de poder no príncipe Míchkin, para o tipo Jesus. Esta não reatividade reverbera outros eventos como um certo infantilismo, uma atitude apolítica e de baixa habilidade social. Todavia, o caráter redentor de Jesus encontra-se no seu processo de

---

<sup>13</sup> AC 32

<sup>14</sup> AC 31



interiorização como prática de amor, incapaz de julgar e produzir inimigos, bastante semelhante ao personagem Míchkin.



## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA.** Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

**BITTENCOURT,** Renato Nunes. A Psicologia da Idiotia e Dostoiévski e Nietzsche. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120.

\_\_\_\_\_. A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011.

\_\_\_\_\_. As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística. Ítaca, n. 15, 2010.

\_\_\_\_\_. Das profundezas do ressentimento ao sublime amor crístico: Dostoiévski e Nietzsche. Ítaca, n. 21, 2012.

\_\_\_\_\_. Espinosa, Nietzsche e a denúncia da moral teológica como distorção axiológica das disposições afirmativas da autêntica práxis crística. Trilhas Filosóficas, v. 3, n. 1, 2010.

\_\_\_\_\_. Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013.



\_\_\_\_\_. Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 34, p. 447-468, 2011.

\_\_\_\_\_. Nietzsche e a Psicologia do Redentor. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 7, n. 14, p. 57-71, 2011.

**DOSTOIÉVSKI**, Fiódor. Correspondências (1838-1880). Porto Alegre: Inverso, 2009.

\_\_\_\_\_. Crime e Castigo. Editorial Presença, 2011.

\_\_\_\_\_. Gente pobre. Fiódor Dostoiévski, 2015.

\_\_\_\_\_. Memórias do subsolo. São Paulo: editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. **O IDIOTA**: romance em quatro partes. São Paulo: Editora, v. 34, 2002.

\_\_\_\_\_. Os Demônios. São Paulo: Editora, v. 34, 2004.

\_\_\_\_\_. Os irmãos Karamázov. Ed. 34, 2008.

**FOGEL**, Gilvan. O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoiévski. In: Vânia Dutra de Azeredo (org.) Encontros Nietzsche. Ijuí: Ed.Unijui, 2003, p. 51-70.



**GIACÓIA JÚNIOR**, Oswaldo. Labirintos da alma – Nietzsche e a auto-supressão da Moral. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Nietzsche. São Paulo: Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. Nietzsche como Psicólogo. Vale do Rio dos Sinos: Ed. Unisinos, 2001.

**MARTON**, scarlett **NIETZSCHE**: das forças cósmicas aos valores humanos. Editora Brasiliense: São Paulo, 1990.

**NIETZSCHE**, Friedrich Wilhelm. **SEGUNDA CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA**: Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. hedra, 2007.

\_\_\_\_\_. **ALÉM DO BEM E DO MAL**: Prelúdio a uma filosofia do Futuro. Editora Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **ASSIM FALOU ZARATUSTRA**: um livro para todos e para ninguém. Editora Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **AURORA**: reflexões sobre os preconceitos morais. Editora Companhia das Letras, 2004.



\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **ECCE HOMO**: como alguém se torna o que é. Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre história*. Edições Loyola, 2005

\_\_\_\_\_. **GENEALOGIA DA MORAL**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

\_\_\_\_\_. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.

**PASCHOAL, A. E.** *Memória e esquecimento em Nietzsche*. In: *Falando de Nietzsche* – Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.



\_\_\_\_\_. Vestígios de Dostoiévski na correspondência de Nietzsche. Estudos Nietzsche, v. 6, n. 2, 2016.

\_\_\_\_\_. A superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche. Estudos Nietzsche, 2012.

\_\_\_\_\_. **DOSTOIÉVSKI E NIETZSCHE:** anotações em torno do “homem do ressentimento”. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010.

**RENAN**, Ernest. Vida de Jesus. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1915.

**SENA**, Allan Davy Santos. Nietzsche e o tipo psicológico do redentor. Campinas, SP. 2012.

**SENA**, Allan Davy Santos. O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010.

**SOUZA**, Cláudia Franco. Dostoiévski, Nietzsche e Freud e o mal-estar na consciência. Actas das Jornadas de Jovens Investigadores de Filosofia–, p. 39.

**STEGMAIER**, Werner. As Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche. Editora Vozes, 2013.

**STELLINO**, Paolo. El descubrimiento de Dostoiévski por parte de Nietzsche. Contrastes. Revista Internacional de Filosofía, v. 13, 2007.



**STENDHAL.** O Vermelho e o Negro. Editora Nova Cultural Ltda: São Paulo, 2002.

**TOLSTÓI,** Leon. O Reino de Deus está em vós. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1994.

\_\_\_\_\_. Minha Religião. São Paulo: A Girafa, 2011.

**VIANA,** Nildo. Nietzsche, Vontade de Potência e Irracionalismo. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 9/10, p. 569-589, set./out. 2010.

**VIENSENTEINER,** Jorge Luiz. **EXPERIMENTO E VIVÊNCIA:** a dimensão da vida como pathos. Campinas, 2009.

**WELLHAUSEN,** Julius. Prolegomena to the history of ancient Israel. Encyclopaedia Britannica, 1885